

# AS INTER-RELAÇÕES ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA: SEUS DIÁLOGOS, RELAÇÕES E FRONTEIRAS: AS POÉTICAS DE PLATÃO E ARISTÓTELES.

GONÇALVES, Dariely Maria Cabral de Barros<sup>1</sup>

RU: 2605129

## RESUMO

O presente artigo aborda questões existentes ao falarmos nas relações entre filosofia e literatura. Seus diálogos, relações e fronteiras. As poéticas e os caminhos percorridos por Platão e Aristóteles. O significado da *mímeses*, o papel dos poetas e suas obras, as tragédias. O caráter da filosofia e a sua relação com a história. Platão expulsou os poetas da cidade de Atenas por entender que os poetas, os compositores e as suas obras, as tragédias distanciavam as almas da verdade e poderiam deformar o caráter dos indivíduos, em especial, as novas gerações, em formação. Esta posição de Platão, contudo, não é restrita em relação à arte. Ela decorre de outras ideias defendidas pelo filósofo. Na filosofia de Platão há a dualidade entre a alma e o corpo. Para ele, o ser humano era imortal no que tange a alma, que ela pertencia ao mundo inteligível e não ao mundo sensível, da matéria, dos sentidos. Aristóteles, por sua vez, entende a *mímesis* como procedimento artístico puro e simples. Ele não a mistifica, nem se reporta a um ideal, da mesma forma que Platão ao se referir a *mímesis*. Ambos admitem a validade da interpretação da arte como imitação, porém, diferem nos resultados dessa visão e na forma como a arte poderia impactar a formação do homem grego.

**Palavras-chave:** Filosofia. Literatura. Poética. Platão. Aristóteles

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem foi uma das criações mais importantes produzidas pelos homens. Foi uma das maiores revoluções do ser humano. Este diálogo e esta inter-relação de pensamentos colaboraram para a convivência, a cooperação e, via de consequência, para a sobrevivência, perpetuação e sucesso da nossa espécie.

Aristóteles fala da linguagem como a característica que define a natureza humana. O homem é um ser social. É justamente o uso da linguagem na comunicação e na negociação política que torna possível a vida social. Antes do surgimento da escrita, todos os conhecimentos eram transferidos, pessoal e

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Internacional UNINTER.

oralmente. Aqueles que não fossem compartilhados com os demais desapareciam com o decurso do tempo. Felizmente, com a sua criação, a história da humanidade, suas conexões sociais e a disseminação de ideias e informações se transformou.

Com o decurso do tempo, as sociedades também se modificaram. Novas tecnologias foram desenvolvidas. Todavia, a utilização da escrita através do alfabeto é o principal meio pelo qual todas estas tecnologias e ciências se desenvolveram e continuam evoluindo cada vez mais rapidamente. Mesmo assim, diante de todos esses avanços que, aliás, de alguma forma estão associados à manutenção e transmissão de informações, podemos constatar que a sua prática ainda é extremamente relevante, assim como o gosto pelas letras, pela arte e pelo incremento da ciência, advindos dela, que são fundamentais para a evolução e aprimoramento das sociedades.

O tema deste artigo, em particular, refere-se às relações entre Filosofia e Literatura que, utilizando-se da linguagem, continuam melhorando para o aperfeiçoamento humano, político e social. De certa maneira, podemos dizer que as relações entre essas duas áreas do conhecimento são históricas, visto que, em todos os seus períodos, o estudo, os questionamentos, indagações e dúvidas em relação à natureza da literatura esteve ligado ao âmbito da Filosofia, não somente ao da Literatura. Essa relação é muito estreita e está presente em vários momentos, em diversas escolas artísticas, em vários movimentos culturais, políticos, sociais e filosóficos. Todos inspirados pela Filosofia.

Filosofia e filósofos também são objeto e propósito da Literatura. Por sua vez, a Literatura também recepciona temas filosóficos, para situá-las em devir no mundo ficcional, ou para debatê-las. Há escritores que se utilizam de argumentos de caráter filosófico. A literatura também levanta e aborda questões de cunho filosófico. A utilização da filosofia na ficção é utilizada para expressar o pensamento.

Todavia, em consonância com os objetivos do presente artigo abordaremos os caminhos de Platão e Aristóteles, dois grandes filósofos da antiguidade Grega que nos possibilitam avistar duas formas perfeitas de relação da filosofia com a literatura, a maneira como elas se relacionam com a história e como eles interpretaram o princípio mimético da arte. Platão e seus seguidores almejam estipular valores sem história e censurar na literatura aquilo que a cerca dos poderes do sensível. Já Aristóteles e seus discípulos, procuram na história os meios de reprodução, as condições de sua compreensão imanente. Valorizam na literatura o

que, através do sensível, leva para a grandeza, para as proporções metafísicas das ações humanas.

Ambos apesar de reconhecerem a validade da interpretação da arte como imitação discordam nos resultados dessa perspectiva e na forma como a arte poderia afetar a constituição do homem grego, o que se convencionou a chamar de *paideia*.

Platão julga as artes sob o ponto de vista de uma ética. Pode se afastar quase que completamente da problematização relativa às artes miméticas. Esse é o ponto principal que o faz condená-la.

Aristóteles, contudo, entende a *mimesis* como procedimento artístico puro e simples. Ele não a mistifica, nem se reporta a um ideal, da mesma forma que Platão ao se referir a *mimesis*.

Platão expulsou os poetas da cidade de Atenas, por acreditar que os poetas, os compositores e as suas obras, as tragédias distanciavam as almas da verdade. Que elas encarceravam a alma no mundo sensível, das paixões, da matéria, fazendo com que deixassem de elevar-se ao inteligível, fonte do que é verdadeiro, belo e bom. Todavia, esta posição de Platão não é restrita em relação à arte. Ela ocorre em virtude do pensamento central defendido pelo filósofo. Aristóteles, por sua vez, entende que as tragédias são imitações das ações humanas. Que as paixões não excluem a sua grandeza e são capazes de elevação. Que os poetas e autores de tragédias estimulam o caráter civilizatório do indivíduo.

Assim, a importância da literatura e do trágico para o pensamento é indiscutível. As fronteiras entre os gêneros literários e filosóficos se misturam e permitem o estabelecimento de uma relação mais estreita entre ambas. Fato este que gera benefícios recíprocos porque permitem a formação de indivíduos críticos, criativos, empreendedores, capazes de transmutar valores e realizar as transformações necessárias nas sociedades e no mundo. Inclusive essa influência, diálogo, inteiração e os proveitos advindos dela podem ser percebidos ao longo da história, através do pensamento de vários filósofos, suas obras, assim como de escritores e da literatura.

## **2. FILOSOFIA E LITERATURA**

Podemos dizer que as relações entre Filosofia e Literatura são históricas. Em todos os períodos, o estudo, os questionamentos, indagações e dúvidas em relação à natureza da literatura esteve ligado ao âmbito da Filosofia, não somente ao da Literatura. Essa relação é muito estreita e está presente em vários momentos, em diversas escolas artísticas, em vários movimentos culturais, políticos, sociais e filosóficos. Todos inspirados pela Filosofia. Assim, antes de ingressarmos nas Poéticas de Platão e Aristóteles, propriamente ditas, seus caminhos e demais pensamentos, abordaremos alguns aspectos destes diálogos, relações e fronteiras no decorrer da história evidenciando a sua relevância e benefícios.

A Literatura, por ser atrativa e encantadora, assim como as outras manifestações artísticas, sempre foi interessante para a filosofia. Há, inclusive, filósofos que são poetas e escritores como: Nietzsche, Goethe, Sartre, Voltaire, Novalis, Simone de Beauvoir, Schlegel, Diderot, Camus, Hanna Arendt, entre outros. Da mesma forma, há a utilização da filosofia na ficção para expressar o pensamento, como o fez na Antiguidade Platão e Aristóteles e, posteriormente, nos séculos XVII e XVIII Rousseau, Condillac, Descartes, por exemplo (FERRAZ, 2013, p. 111).

Filosofia e filósofos também são objetivo e propósito da Literatura. Por sua vez, a Literatura também recepciona temas filosóficos, para situá-las em devir no mundo ficcional, ou para debatê-las. Há escritores que se utilizam de argumentos de caráter filosófico. Dentre eles: Shakespeare, Dostoiévsk, Milan Kundera, Umberto Eco, Hermann Hesse, entre outros. A Literatura levanta e aborda questões de cunho filosófico. As obras de Sófocles, Flaubert, Proust, Kafka, Beckett, Joyce são exemplos disso (FERRAZ, 2013, p. 111).

Destarte, tanto a filosofia quanto a arte sempre buscaram incessantemente aquilo que era tido como a perfeição absoluta. A filosofia procurava o ideal do bom e do justo. Já a arte, direcionava seus objetivos para o alcance do bem e do belo (FERRAZ, 2013, p. 111).

É possível dizer que a arte literária, a influência da tragédia grega, desde a antiguidade, principalmente a partir dos textos de Sófocles e Ésquilo, é fundamental na formação do pensamento. Sem os gregos, e sem a releitura dos gregos isso seria impossível. As fronteiras entre os gêneros literários e filosóficos se misturam e permitem o estabelecimento de uma relação mais estreita que gera benefícios recíprocos. Com os textos de Ésquilo, Aristóteles, Shakespeare, Goethe, Nietzsche

e Freud ao longo da história, começamos a pensar sobre temas como violência, melancolia, destino, digressões, experiência, sofrimento e conhecimento-de-si (FERRAZ, 2013, p. 111).

Além disso, seria impossível entendermos vários autores sem estudarmos as suas várias incursões científicas e filosóficas ou o diálogo da sua obra com o pensamento de vários filósofos (ALBUQUERQUE, 2017).

Seguindo na mesma linha de pensamento, no artigo de Novaes (2021) *Arendt e a arte: imaginar e compreender* tem-se uma excelente definição do propósito deste artigo, no que tange as inter-relações entre Filosofia e Literatura. Ele fala que a arte e a cultura são fundamentais para a formação de qualquer indivíduo. Que elas são insubstituíveis no modo como contribuem para ampliar o mundo, compreender sensações e situações de si mesmo e, principalmente, dos outros. Que os artistas e suas obras têm fundamental importância nas nossas vidas, porque nos inspiram, estimulam, ajudam a formar nosso senso crítico, habilidades e a capacidade de entender e encarar as dificuldades, os obstáculos, os sofrimentos e as mazelas da vida.

Os poemas de Hannah Arendt mostram um estado de espírito, uma consciência da passagem do tempo, a existência do curso da vida, como também se nota em Kierkegaard. A ironia, a ambiguidade, o sentimento dolorido do tempo vão conduzi-la à 'dança' dos conceitos, à filosofia. Como belamente conclui Young-Bruehl, Arendt poderia fazer suas as palavras de Kierkegaard: 'Eu me preparei... para ser sempre capaz de dançar a serviço do pensamento' (NOVAES, 2021).

Há na obra de Hannah Arendt, filósofa alemã de origem judaica que sofreu com os horrores do nazismo que, assim como na de diversos pensadores ao longo da história, um processo entre arte e pensamento. Ou seja, a força da literatura e da arte em geral para pensar a explicação de uma ideia estabelecida. O argumento para a concepção conceitual (NOVAES, 2021).

As tantas referências de Arendt à capacidade esclarecedora da literatura, da poesia, são mais um traço aristotélico de seu pensamento, além da constante atenção às distinções, admitida por ela mesma (NOVAES, 2021).

Assim, depreende-se que a arte e o artista possuem um papel educativo e formador que estão comprometidos em erigir um homem e um mundo em harmonia com os sentimentos, a imaginação, a poesia, a vida de impulsos e criações oriundas do interior profundo da natureza (NOVAES, 2021).

## 2.1 AS POÉTICAS DE PLATÃO E ARISTÓTELES

Os caminhos de Platão e Aristóteles, relacionados à Filosofia e a Literatura, passam pela *mimesis*, pela ética, pela arte, pela tragédia, pelo caráter normativo da Filosofia, pela sua relação com a história.

No caso de Platão, começaremos por sua obra que, na maior parte, é composta pelos diálogos socráticos, onde Sócrates é a figura central. Os diálogos se baseiam em um tema, mas, por vezes, desdobram-se em outros, de acordo com o desenrolar do texto. Conhecemos 35 diálogos compreendidos dentro de quatro períodos distintos. Aqui, citaremos apenas àqueles ligados às artes, à literatura, aos poetas, as tragédias, e que demonstram o seu pensamento em relação a *mimesis*, e ao seu caráter prejudicial na formação dos indivíduos, em especial das novas gerações: Hípias Maior: as concepções estéticas sobre o belo e as artes ganham vez neste texto (TRINTA, 2009). Górgias: disserta sobre a retórica, tomando como interlocutores principais Sócrates e o sofista Górgias (FREITAS, 2017). Protágoras: neste livro, a figura de Protágoras, o principal sofista do período helênico, é exposta em diálogo com Sócrates, que denuncia ao leitor as farsas sofisticas para enganar as pessoas; Sofista: texto em que Platão expõe de vez a sua condenação à arte sofisticada (PLATÃO, 2019).

Além deles, A República que foi escrita por partes é composta por 10 livros, todos no clássico formato de diálogos com Sócrates, o personagem central. O tema principal da obra é a política, ou seja, como seria o modelo ideal de governo (PLATÃO, 2017, p. 7-8).

Todavia, no livro III, de A República, Platão no diálogo com Adimanto, referindo-se aos relatos dos poetas disse que:

São prejudiciais também para quem os escuta porque os tornará indulgentes, com sua própria maldade, convencido de que os mesmos fazem e faziam também 'os parentes próximos dos deuses, aqueles próximos de Zeus, que sobre o pico do monte Ida, erigiram um altar a Zeus, seu pai nos céus' e que 'ainda trazem intacto o sangue dos deuses'. Por isso é preciso dar um fim a semelhantes balelas, por receio que provoquem em nossos jovens uma forte inclinação aos delitos (PLATÃO, 2017, p. 90).

No livro X, de A República, igualmente Platão no diálogo entabulado entre Glauco e Sócrates, este último afirma porque refuta tudo que se fundamenta na imitação: "tudo isso parece veneno para os ouvintes, pelo menos para aqueles que

não podem se servir como antídoto, do conhecimento daquilo que são realmente as obras poéticas” (PLATÃO, 2017, p. 90). Mas adiante, diz que se não se realiza a essência, não se pode realizar algo real, mas somente um objeto que se assemelha àquele real. E vai além, que na reprodução dos objetos, na pintura, por exemplo, a imitação se realiza em relação à aparência, não à verdade. Que por isso “a imitação está distante do verdadeiro e, ao que parece, realiza tudo captando um pouco a aparência ilusória de cada coisa” (PLATÃO, 2017, p.333 - 338). Já na tragédia de Homero, ouvimos dizer: “por parte de alguns que os poetas trágicos conhecem todas as artes, todas as coisas humanas que se relacionam com a virtude e com o vício e, além disso, as divinas” (PLATÃO, 2017, p.333 - 338). É inevitável, sem dúvida, que um bom poeta deva conhecer os temas de que trata se quiser desenvolvê-los bem. Caso contrário, nem poeta seria. Torna-se necessário verificar se aqueles que afirmam isto não se deixaram iludir por esses imitadores ou se ficaram ofuscados e, à vista de suas obras, não compreendem que estas estão a três graus de distância da realidade e que podem ser criadas facilmente, mesmo sem conhecer a verdade, exatamente porque são aparências privadas de realidade: ou ainda, se esses estão com a razão e se os bons poetas conhecem tudo aquilo que lhes atrai a admiração das multidões (PLATÃO, 2017, p.333 - 338).

Verifica-se, através das obras e do pensamento de Platão, que ele condena os artistas por causa da sua atividade mimética, que é em outras palavras, o que mais caracteriza a atividade do mundo antigo. Por meio da *mimesis*, os agentes envolvidos no processo mimético poderiam ter a falsa ideia de que sabem o que em realidade não sabem, visto que apenas mimetizam. Assim, a questão é propriamente ética, e é bom lembrar que Platão avalia as artes sob o ponto de vista de uma ética, pode se afastar quase que inteiramente dos problemas relativos às artes miméticas. Esse é, sem dúvida, o motivo central que leva Platão a condenar a mimética (ARISTÓTELES, 2011, p. 14-15).

Aristóteles, por sua vez, deixou 22 textos. A maioria são tratados extensos divididos em vários livros ou tomos. Grande parte, escritos pelo próprio filósofo. Há também algumas anotações provavelmente usadas em suas aulas no Liceu, talvez, até feitas por seus alunos. Dentre suas obras: Retórica, que se divide em três livros. Nela Aristóteles pretende afastar a retórica das abordagens sofistas e encará-la através de uma perspectiva mais próxima da filosofia (SANTOS, 2019, p. 29).

A Poética reúne notas que Aristóteles usava para conduzir as suas aulas sobre arte e literatura. Nesta obra, o educador apresenta as suas considerações acerca dos gêneros literários que vigoravam na época, especialmente a poesia e a tragédia. Aqui, os termos *poiésis* (o processo da composição) e *poiein* (fazer) aproximam o “fazer poético” de um ofício. Na primeira metade da obra, Aristóteles se foca na poesia e apresenta o conceito de *mímesis* (ou mimese), defendendo que a criação seria a imitação das ações humanas (ARISTÓTELES, 2011, p.15).

A tragédia, tema central da *Poética*, estabelece o objeto de uma teoria sobre a atividade poética e concebe para Aristóteles um tipo de auge das manifestações artísticas da sua época. Ela envolvia a música, a poesia e a cena teatral. Todavia, para Aristóteles, nada era mais importante que o trabalho primeiro do poeta. Ele considerava a tarefa do poeta trágico, ou seja, a composição do enredo, a parte fundamental da tragédia. Ele afirma que:

A ação de mimetizar se constitui nos homens desde a infância, e eles se distinguem das outras criaturas porque são os mais miméticos e porque recorrem à *mímesis* (mimese) para efetuar suas primeiras formas de aprendizagem, e todos se comprazem com as *mímesis* realizadas (ARISTÓTELES, 2011, p.13).

Aristóteles entendia que “O homem é, por natureza, um animal político.”, e que “O homem é um animal de linguagem.” Pensa a importância da Filosofia e da Literatura na formação dos sujeitos, como cooperadoras na educação da humanidade, como colaboradoras na constituição da cultura que norteia as sociedades (ARISTÓTELES, 2011, p. 14).

Assim, depreende-se que a reflexão de Aristóteles sobre a *mímeses* foi fortemente influenciada pelos poetas trágicos, mas é indiscutível que no diálogo e no confronto com Platão sobre a *mímesis* é que desponta o posicionamento aristotélico. De forma geral, Platão reprova a *mímesis*. Ela pode determinar um distanciamento face ao conhecimento verdadeiro e face à própria ética, uma vez que nem sempre a atuação mimética está em consonância com o conhecimento do bem e do belo. Poética, 14, Aristóteles (ARISTÓTELES, 2011, p. 14).

“É como se Platão nos dissesse que um artista mimético pode representar a virtude sem nada saber sobre a virtude, pior ainda: sem ser absolutamente virtuoso” (ARISTÓTELES, 2011, p. 14).



Por meio da *mimesis* também se poderia difundir a representação de uma ação viciosa, pois o poeta mimético se duplica e se multiplica e não está comprometido unicamente com a *mimesis* das ações virtuosas (corajosas, sábias, prudentes). Essa é uma das grandes acusações que pesam sobre as artes miméticas e que, desde Platão, separa – ou pretende ao menos separar – o universo mimético das artes do campo das ações propriamente reguladas pelo conhecimento ético (ARISTÓTELES, 2011, p.14).

Na verdade, para Platão o aprendizado das artes tem um papel fundamental na educação dos jovens, o que, todavia, não impede que por meio da *mimesis* se produza até mesmo o contrário de um procedimento verdadeiro ou ético.

Ao contrário do que ocorre com Platão, Aristóteles nos situa diante da arte poética em si mesma, em suas espécies consideradas a partir de suas próprias finalidades, no modo como se deve realizá-la, no número e na natureza de suas partes (ARISTÓTELES, 2011, p. 14).

Aristóteles, então, retoma a *mimesis* como procedimento artístico puro e simples. (...) Aristóteles não mistifica a *mimesis*, referindo-a a um ideal assim como o fez Platão, mas ele decerto encontra nas manifestações miméticas princípios e elementos constitutivos que terminam propondo, de um modo bastante diverso do de Platão, uma hierarquia para as expressões miméticas (ARISTÓTELES, 2011, p. 15).

A tragédia é, para Aristóteles, uma forma magistral de arte poético-mimética. Por essa razão ele opta por se dedicar, preferencialmente, a essa forma de expressão mimética. Aristóteles está basicamente preocupado em apresentar o que as artes poéticas têm em comum, assim como os elementos em função dos quais é possível diferenciá-las (ARISTÓTELES, 2011, p. 15-16).

É possível perceber que, em seu tratado de Poética, Aristóteles segue um plano coerente com a sua Lógica. Ele está se referindo a uma atividade poética, descrevendo o que é uma obra poético-mimética, como defini-la, diferenciá-la de outras obras, e, principalmente, como realizá-la de forma satisfatória (ARISTÓTELES, 2011, p. 15).

No que diz respeito à tragédia, Aristóteles, a tem como uma forma primorosa de arte poético-mimética. Em razão disso, ele dedica-se especialmente a esta forma de expressão mimética, com a preocupação de apresentar o que as artes poéticas

possuem em comum, bem como os elementos pelos quais é possível diferenciá-las. Assim, depreende-se que sua primeira preocupação é com a definição (ARISTÓTELES, 2011, p. 15).

A Poética de Aristóteles é um grande compêndio, categorizado que possibilita situar cada uma das partes constituintes de um conjunto bastante complexa. Ele nos fornece os elementos com excepcional precisão (ARISTÓTELES, 2011, p. 15).

A tragédia é uma arte poético-mimética que se diferencia das demais por utilizar todos os meios – ritmo, linguagem e melodia –, por qualificar uma ação nobre e por apresentar o enredo de forma dramática, isto é, não por meio de uma narrativa, mas de atores em cena. Ela nada tem a ver, portanto, com a história, pois Aristóteles se refere à unidade de uma ação e não à complexidade de um acontecimento *histórico*. O que se opõe à “história” (*mýthos*) verossímil e necessária, compreendida como *enredo*, é a “história” do particular, sem unidade poética ou sem unidade de composição. A verossimilhança e a necessidade se opõem assim à narrativa *díapangélias*, isto é, “histórica”, no sentido de narrativa particular e não no sentido aristotélico de composição do *mýthos* (ARISTÓTELES, 2011, p.16-17).

“Eis porque a poesia é mais filosófica e mais nobre do que a história, pois a poesia se refere, de preferência, ao universal; a história, ao particular.” (ARISTÓTELES, 2011, p. 17).

Ora, o que diferencia a *mímesis* trágica da narrativa histórica e, além do modo dramático, é a presença de um *télos*, de uma finalidade para a ação apresentada. Para Aristóteles, a história tomada como *apangélia* não tem finalidade, ou seja, não possui um desfecho necessário, enquanto que o enredo trágico se orienta, justamente, pela finalidade a ser alcançada (ARISTÓTELES, 2011, p. 17-18).

Contrariamente a Platão, Aristóteles investe no enredo (*sýstasis tōn pragmatōn*) como critério maior da produção trágica, ou seja, como parte determinante para atividade poética que ele tentou definir. Platão se afastou da tragédia justamente porque a considerou distante dos preceitos éticos para ele determinantes. Aristóteles por sua vez, enaltece o mito, tornando o caráter da personagem (aquilo que a caracteriza) um efeito construído, sobretudo, na composição do enredo, e que, se bem realizado, deveria produzir a *metábasis* (*peripéteia*, *anagnórisis* e *pathos*, traduzidas, respectivamente, como “reviravolta”, “reconhecimento” e “comoção emocional”) pela qual o drama trágico atinge o seu termo com a catarse do pavor da compaixão gerados pela própria ação dramatizada (ARISTÓTELES, 2011, p. 19-20).

Assim, nos caminhos de Platão e Aristóteles sobre as relações entre Filosofia e Literatura, o caminho de Platão, e sua relação com a arte, este talvez seja um dos assuntos mais polêmicos, pois, ele não fala de literatura, mas de *mimesis*, imitação. Para ele, os poetas, os compositores e as suas obras, as tragédias desviam as almas da verdade. Elas deixam as almas cativas no mundo sensível, das paixões, da matéria, impedindo-as de elevarem-se ao inteligível, fonte do que é verdadeiro, belo e bom. A filosofia para Platão, portanto, é norma transcendente e sem história. Ela é uma ação da alma, naquilo em que ela é mais elevada e inteligente e não pode ser desencaminhada, tampouco deixar o homem a ser condenado pelo que vem do mundo sensível contido nas palavras dos poetas. Essa posição não é restrita em relação à arte. Ela ocorre em virtude de outras ideias defendidas por ele. O dualismo entre corpo e alma. Que o ser humano era imortal e essencialmente alma, e pertencia ao mundo inteligível e não ao mundo sensível. Mundo sensível e inteligível e o seu temor de que a arte interfira, de forma negativa na constituição, no caráter do cidadão grego em formação (ALVES JÚNIOR, 2016).

Aristóteles, por sua vez, também fala de *mimesis*. Todavia, ele entende que as obras dos poetas e dos compositores de tragédias são imitações de ações cheias de humanidade e, por isso mesmo, passíveis de elevação, pois as paixões não excluem a sua grandeza. A filosofia também tem caráter normativo, mas de modo imanente e histórico. E vai além, quando entende que as obras dos poetas e autores de tragédias, não encarceram as almas, mas, ao contrário, estimulam o caráter civilizatório do indivíduo. Assim, esses dois caminhos, o de Platão e o de Aristóteles, demonstram a existência da relação da filosofia com a literatura, de maneira que elas se relacionam com a história. Platônicos, almejam estipular valores sem história e censurar na literatura aquilo que a acerca dos poderes do sensível. Já os Aristotélicos, procuram na história os meios de reprodução, as condições de sua compreensão imanente. Valorizam na literatura o que, através do sensível, leva para a grandeza, para as proporções metafísicas das ações humanas (ALVES JÚNIOR, 2016).

Diante disso, tem-se que Platão e Aristóteles, apesar de admitirem a validade da interpretação da arte como imitação discordam dos resultados dessa visão e na forma como a arte poderia afetar a formação do homem grego, o que se convencionou a chamar de *paideia*. Fato este que, contudo, não invalida a contribuição desses dois grandes pensadores da antiguidade grega para o

desenvolvimento, compreensão e demonstração da relação entre Filosofia e Literatura, bem como dessas duas áreas do conhecimento na formação de indivíduos plenos, críticos, criativos, empreendedores, transformadores (ALVES JÚNIOR, 2016).

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada no presente artigo foi a qualitativa e bibliográfica. Através da análise de artigos, aulas, leituras, revisão da literatura e obras referentes ao assunto, houve a delimitação do tema e a contextualização do objeto do problema procurando abordar aspectos sobre as relações entre Filosofia e Literatura, as poéticas e os caminhos de Platão e Aristóteles. A importância da dessas áreas do conhecimento – Filosofia e Literatura - o seu impacto na vida dos indivíduos e das sociedades e no seu desenvolvimento enquanto entes políticos, humanos e sociais.

Destarte, através da metodologia utilizada procurou-se atingir os objetivos do presente artigo: discorrer sobre o diálogo entre Filosofia e Literatura; demonstrar as relações entre essas duas relevantes áreas de conhecimento; delimitar suas fronteiras; reafirmar a sua importância, assim como da arte em geral, e o seu efeito no desenvolvimento das pessoas, das sociedades como fator de formação, educação e transformação. As poéticas e os Caminhos de Platão e Aristóteles.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tudo o que pensamos e discutimos atualmente, já foi refletido anteriormente. Grandes personalidades da história, escritores, pensadores e expoentes da filosofia deixaram suas marcas justamente por ponderarem e escreverem a respeito das angústias e da problematização do homem do seu tempo e da necessidade na busca pela verdade e pela evolução.

Analisando a experiência e o conhecimento de todos eles, é possível desenvolver um pensamento crítico capaz de transformar a visão e a conduta política, social, moral e ética dos sujeitos; a forma de se posicionar diante da vida; de refletir sobre os grandes dilemas existenciais da humanidade, que impulsionam em direção à evolução; entender o pensamento que moldou a cultura ocidental, e

assim, compreender mais a realidade em que vivemos; transmutar valores e atitudes, quando necessário; seguir em frente; vislumbrar um novo porvir.

Além disso, é possível ser mais criativo, inovador, pensar de forma mais plural, inclusiva e ampla. Comunicar-se de forma mais aprimorada, o que também auxiliará em diversos setores da vida, principalmente, no que diz respeito ao relacionamento com os outros indivíduos, com os demais seres e com o meio ambiente. Sem dúvida, grandes lições para quem quer aprender.

Desde os filósofos pré-socráticos, que viveram vários séculos antes de Cristo, os primeiros a tentar explicar o mundo sem recorrer aos mitos, ao sobrenatural, e a construir um pensamento racional, a alavancarem o processo de conhecimento científico em áreas como a matemática, a geometria, a cosmologia, a química e a biologia, entre outras, a Filosofia tem sido fundamental para o progresso da humanidade. Assim, as inter-relações entre Filosofia e Literatura, bem como com as outras áreas do conhecimento, são fundamentais para este processo. Por esta razão, muitos filósofos, ao longo da história, se ocuparam da tentativa de entendê-las.

É justamente nesta seara que a conexão entre a literatura, a filosofia e outras áreas do conhecimento se estabelece. Além disso, o ser humano é o único animal que possui consciência acerca da sua mortalidade. Aliado ao uso da linguagem, bem como na tentativa de dar um sentido à vida, se faz necessário o estabelecimento de ficções, narrativas que podem ser analisadas, revisadas, revisitadas, reescritas, da mesma forma que a sua própria história.

Assim, a ficção e a literatura têm um caráter civilizatório. Ela nos coloca no lugar do outro, relativiza nossas convicções, nos faz ter compaixão, propicia convívio, cooperação e identificação com outras realidades e pessoas. Caráter civilizatório este, presente na filosofia, que busca na problematização de questões de cunho universal, a solução para vários dilemas da humanidade.

Todavia, a ficção literária não nos mostra o que é certo ou errado. A sua função é outra. Ela nos mostra quem somos. Seres humanos contraditórios, impuros e paradoxais.

Os gêneros literários, por sua vez, remetem a Grécia antiga e apresentam aspectos comuns que definem a literatura como uma expressão artística que possui funções recreativas, sociais e críticas. Portanto, não só ocorre a manifestação de sentimentos e invenção de histórias por parte do autor, mas também ocorre uma

análise da sociedade, reflexões sobre questões existenciais do ser humano. A filosofia, dentre outros temas, também se preocupa com estas questões, faz críticas, trabalha com os sentidos, questiona, faz pensar, ajuda a formar e transformar o indivíduo.

É indiscutível, portanto, que as artes, em especial, a arte literária, a influência da tragédia grega, desde a antiguidade, é fundamental na formação do pensamento. Sem os gregos, e sem a sua releitura isso não seria possível, bem como o diálogo, as fronteiras entre os gêneros literários e filosóficos que se misturam e permitem o estabelecimento de uma relação mais estreita que gera benefícios recíprocos.

Da mesma forma, apesar das controvérsias existentes no pensamento e nas poéticas de Platão e Aristóteles, elas e os caminhos desses dois grandes pensadores da antiguidade grega foram fundamentais para o desenvolvimento, compreensão e demonstração da relação entre Filosofia e Literatura, assim como da valorosa contribuição dessas duas áreas do conhecimento – Filosofia e Literatura – na constituição de indivíduos plenos, críticos, criativos, empreendedores, transformadores, uma vez que a arte e o artista possuem um papel educativo e formador que estão comprometidos em erigir um homem e um mundo em harmonia com os sentimentos, a imaginação, a arte e a vida originárias do interior profundo da natureza.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. Os contornos da literatura e as definições da filosofia. **Estado da arte: revista de cultura, artes e ideias**, dez. 2017. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/os-contornos-da-literatura-e-as-definicoes-da-filosofia/>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

ALVES JÚNIOR, D.G. Filosofia e Literatura: caminhos cruzados. **Revista Sísifo**, vol. 1, n. 3, 2016. Disponível em: <<http://www.revistasisifo.com/2016/05/filosofia-e-literatura-caminhos-cruzados.html> ->. Acesso em 20 set. 2021.

ANTUNES, J. Schiller e a educação estética e revolucionária do homem. **Revista Dialectus: Dossiê Democracia e Formação Humana em Debate**, vol. 4, n. 10, p. 61-77, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/19920>>. Acesso em 24 set. 2021.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de E. Bini. Edipro, 2011.

FERRAZ, B.F. **O universo em um livro: As cosmicômicas, de Italo Calvino**. 2013. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-956LBJ/1/o\\_universo\\_em\\_um\\_livro\\_\\_as\\_cosmic\\_micas\\_\\_de\\_italo\\_calvino\\_\\_.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-956LBJ/1/o_universo_em_um_livro__as_cosmic_micas__de_italo_calvino__.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2021.

FREITAS, L.E.G.O. **Os elementos dramáticos e literários no Górgias de Platão**. 2017. 118f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-02052017-130742/publico/2017\\_LuizEduardoGoncalvesOliveiraFreitas\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-02052017-130742/publico/2017_LuizEduardoGoncalvesOliveiraFreitas_VCorr.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2021.

NOVAES, A. Arendt e a arte: imaginar e compreender. **Estado da arte: revista de cultura, artes e ideias**, ago. 2021. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/adriana-novaes-arendt-cultura/>>. Acesso em: 5 jun. 2021

PLATÃO. **“Diálogos”, Teeteto (ou do Conhecimento); Sofista (ou do ser); Protágoras (ou Sofistas)**. Tradução de E. Bini. Edipro, 2019.

PLATÃO. **A República: Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal**. Lafonte Ltda., 2017.

SANTOS, M.V. **A arte retórica de Aristóteles: uma conciliação entre a concepção retórica de Platão e a dos Sofistas**. 2019. 261f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/63103>>. Acesso em 26 set. 2021.

SILVA FILHO, A.V. **Poesia e Prosa: Arte e Filosofia na Estética de Hegel**. São Paulo: Pontes Editores, 2008.

Sobre as relações Filosofia e Literatura. **Grupo de estudos em Filosofia e Literatura**. Universidade Federal de Sergipe – UFS. Disponível em: <<https://gefelit.net/?GeFeLit=relacoes>>. Acesso em: 22 mai. 2021

TRINTA, N. Hípias Maior e o belo-em-si. **Revista Educação Pública**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/9/43/hiacutepias-maior-e-o-belo-em-si>>. Acesso em: 20 jun. 2021.